

# Memória e Disputa em torno de legado de Marielle Franco: a(s) placa(a) como lugar de memória

Ingrid Rocha de  
Sousa\*  
Kíria Samanta da  
Silva\*\*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.  
v13i1126-141

**Resumo:** O homicídio que vitimou Marielle Franco e Anderson Gomes, em 2018, ocupa ainda destaque na história política recente do Brasil. Ainda sem solução para o crime, não obstante passados 5 (cinco) anos do ocorrido, ganhou corpo o movimento de nomeação de diversas ruas e praças com o nome da vereadora assassinada, o que despertou debates animosos nos mais diversos espaços. Desta sorte, o presente trabalho investiga se a fixação de tais placas em homenagem a Marielle Franco acaba por se tornar um “lugar de memória”, conforme conceituado por Pierre Nora (1993). Questiona-se se toda a disputa em torno das placas, bem assim a identificação de grupos políticos, movimentos sociais e minorias com o legado da vereadora, autoriza classificar as “placas” como tal. Para tanto, como metodologia, a pesquisa aborda qualitativamente, por meio de revisão de literatura, postagens nas redes sociais digitais como *Facebook* e *X (Twitter)*, além de sessões de comentários em portais de notícias e no site oficial em homenagem à vereadora, o “*institutomariellefranco.org*”. Ademais, a atenção para os lugares que a placa foi colocada e seus usos oficiais. Como conclusão, compreendemos que o esforço empreendido por ambos os lados em torno da trajetória de vida, de luta e da própria morte da Vereadora como empreendimentos de memória, ora lançando mão do lugar de memória em que consistiu e consiste a placa de homenagem, ora ocupando na forma de discurso ou narrativa, seja em defesa das mesmas bandeiras de Marielle, seja tentando esmaecer seu legado.

**Palavras-chave:** Identidade; Lugar de Memória; Marielle Franco.

\*Graduação em História pela Universidade Federal do Ceará. Contato: [ingridrochads@gmail.com](mailto:ingridrochads@gmail.com)

\*\*Graduação em História pela Universidade Federal do Ceará. Contato: [kiriasamanta@gmail.com](mailto:kiriasamanta@gmail.com)

## Memória e Disputa em torno de legado de Marielle Franco: a(s) placa(a) como lugar de memória

### Introdução

Marielle Francisco da Silva, ou Marielle Franco, como era conhecida a vereadora do Município de Rio de Janeiro/RJ, eleita pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), foi assassinada no dia 14 de março de 2018. (Gonçalves *et al*, 2018, *on-line*). O homicídio, que também vitimou seu motorista Anderson Pedro Gomes, ocorreu no bairro Estácio, na região central da cidade. Sua assistente Fernanda Chaves, que também se encontrava no veículo, alvejado com 13 tiros, foi a única sobrevivente (Gonçalves *et al*, 2018, *on-line*). Marielle era mulher, negra, nascida na periferia carioca, sendo conhecida na política por lutar em prol dos direitos humanos, da mulher e, principalmente, das regiões da periferia.

Logo após sua morte, o fato converteu-se em um novo embate, dessa vez simbólico, com disputas de narrativas a respeito do próprio homicídio, da trajetória de vida e trabalho da vereadora e até mesmo de sua vida pessoal. Com maior destaque, avolumaram-se projetos em sua homenagem, celebrando a memória da parlamentar, assim como da luta e das bandeiras defendidas por ela. Uma destas iniciativas foi a fixação de uma placa com o nome e resumo da vida da vereadora na Praça da Cinelândia, próximo à Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, lugar onde Marielle exercia seu mandato.

Aquela placa, no entanto, repercutiu de tal forma que, desde sua fixação, passando por episódios em que réplicas foram retiradas ou mesmo destruídas, é possível verificar todo o esforço empreendido, por todas as forças em disputa, em torno da memória de Marielle. Se, de um lado, a família, os amigos, colegas de partido, correligionários, membros de movimentos sociais e comunidades etc. podiam se ver representados pela placa, simbolizando a luta da vereadora, outros

grupos, porém, buscavam, com a mesma energia, deslegitimar a homenagem, esmaecendo as próprias bandeiras de Marielle.

A partir dessa feita, o presente trabalho dedica-se a investigar a dinâmica entre os empreendimentos de memória iniciados a favor e contra Marielle, tendo como ponto central o início dos debates em torno de seu assassinato e, de forma mais efervescente, as disputas envolvendo a placa criada em sua homenagem. Pretende-se, verificar se a placa Marielle Franco pode ser classificada como um “lugar de memória”. Conceito esse cunhado por Pierre Nora (1993) de modo a referir-se como certos lugares, objetos ou ritos se tornam referências na construção e preservação de uma memória coletiva.

Nesse artigo, a placa de Marielle é tomada como um lugar onde se tem comoção de um grupo de indivíduos para preservar a memória da vereadora e seu ativismo político. Também debruça-se sobre as disputas entre as diferentes interpretações e discursos, dados ao passado e, nesse caso, ao passado da vereadora, de modo a construir novas narrativas sendo elas positivas ou não.

Nesse sentido, são os objetivos do presente artigo: (i) analisar o caráter do conteúdo dos discursos da veiculação das notícias de seu assassinato; (ii) analisar o discurso em torno da placa (e de outros lugares de memória com a insígnia de Marielle), dando conta de sua perfeita adequação ao conceito de “lugar de memória”.

No que se diz respeito da metodologia, partiu-se, de um lado, da revisão de literatura, por meio de fontes bibliográficas impressas ou *on-line*, que abordem os temas debatidos durante o texto. Tendo como bibliografia basilar os escritos dos historiadores Pierre Nora e Elizabeth Jelín, pois trabalharam os conceitos usados

## Memória e Disputa em torno de legado de Marielle Franco: a(s) placa(a) como lugar de memória

durante a pesquisa, como por exemplo, os de “trabalhos da memória” usado pela autora e os “lugares de memória” por Nora.

E, por outro lado, adotou-se como técnica de coleta de dados, a consulta às seções de comentários de postagens na *internet*, em sites de notícias como G1 (portal de notícias de jornal O Globo), Folha de São Paulo e *El País*, assim como comentários de redes sociais como o *Facebook* e *X (Twitter)*, e sites oficiais criados em homenagem a vereadora como o site Marielle Franco. Todos eles envolvem os debates sobre o assassinato de Marielle e a utilização de sua placa em espaços públicos e privados. Classifica-se a pesquisa, desta sorte, como bibliográfica e documental, sendo também descritiva quanto a seus objetivos, e pura quanto à utilização de seus resultados.

### A Placa de Marielle Franco: um lugar de memória em disputa

Marielle Francisco da Silva foi, em sua primeira disputa eleitoral, a quinta vereadora mais votada da cidade do Rio de Janeiro nas eleições de 2016, com 46.502 votos (Candidatos, 2016, *on-line*). Um número expressivo em um país que ocupa o 152º lugar entre 190 países de assentos nas câmaras ocupados por mulheres, segundo dados do IBGE em 2017 (IBGE, 2018, p. 9), especialmente para uma mulher negra, lésbica e pobre. Antes da vitória, Marielle foi durante dez anos assessora parlamentar do deputado estadual Marcelo Freixo, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), com o qual dividia a legenda. Durante esse período, trabalhou em prol da prestação de atendimento psicológico e jurídico à policiais vítimas de violência no trabalho ou familiares de vítimas de homicídios.

Durante seu mandato, apresentou 116 proposições e 16 projetos de lei. Posicionava-se no espectro à esquerda da política, autodeclarada feminista, teve

como pauta a luta em defesa dos direitos humanos e a denúncia de ações militares violentas na favela, especificamente durante a intervenção federal militar no Rio de Janeiro decretada pelo então presidente Michel Temer. A parlamentar também era crítica dos abusos de autoridade da Polícia Militar, tendo por vezes denunciado casos de despotismo por parte de policiais contra moradores de favelas. (Cariello; Romeo, 2018, *on-line*).

Seu trabalho, no entanto, foi interrompido em 14 de março do ano de 2018. Marielle foi executada por quatro dos treze tiros que atingiram o veículo no qual a vereadora se encontrava. O motorista Anderson Pedro Mathias Gomes também morreu no crime que até hoje permanece sem solução. A partir desse acontecimento, começou uma disputa enérgica em torno da memória, da trajetória de vida e da própria morte da vereadora, especialmente no que diz respeito à criação e fixação de placas em sua homenagem.

Para adentrar no conceito de Nora (1993), um lugar de memória se dá quando há vínculos entre a permanência de uma memória de um ocorrido e certos elementos físicos (como um lugar que pode ser um espaço ou objeto físico), com o esforço de lhe entregar significado a esses lugares. Quando não se é possível identificar os investimentos humanos usados para atribuir e estabilizar significados em um elemento (lugar) ou não possuem a intenção de memória, esse elemento não poderia ser identificado como um "lugar de memória". Portanto, o caso estudado da ativista política Marielle Franco, encaixa-se no conceito de "lugar de memória" como um monumento comemorativo, devido ao investimento e esforço por parte de um grupo em transformar o acontecimento de sua morte em uma memória. Ou seja, dar significado a um lugar através de uma memória.

## Memória e Disputa em torno de legado de Marielle Franco: a(s) placa(a) como lugar de memória

O lugar de memória supõe, para início de jogo, a justaposição de duas ordens de realidades: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história. A noção é feita para englobar ao mesmo tempo os objetos físicos e os objetos simbólicos, com base em que eles tenham 'qualquer coisa' em comum. [...] Cabe aos historiadores analisar essa 'qualquer coisa', de desmontar-lhe o mecanismo, de estabelecer-lhe os estratos, de distinguir-lhe as sedimentações e correntes, de isolar-lhe o núcleo duro, de denunciar-lhe as falsas semelhanças e as ilusões de ótica, de colocá-la na luz, de dizer-lhe o não dito. [...] Lugar de memória, então: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer. (Nora, 1997, v.2: 2226.)

A notícia da morte da parlamentar incitou, desde o início, comentários e discussões em inúmeras plataformas virtuais, assim como mobilizações em redes sociais. A questão da violência urbana no Rio de Janeiro era a primeira pauta nesses debates, seguida de tentativas de explicar as motivações do crime ou de apontar causas e culpados.

O recorte foi de uma sessão de comentários em uma postagem da página do sítio de notícias *G1*, na rede social *Facebook* (Vereadora, 2018, *on-line*). Tal postagem, referindo a chamada noticiado pelo próprio portal (Gonçalves *et al.*, 2018, *on-line*) acerca do assassinato de Marielle e Anderson, contou com mais 2,4 mil comentários e 3,8 mil compartilhamentos, segundo contagens da própria rede social. Precocemente, alguns sujeitos sociais<sup>1</sup> tentaram despolitizar o acontecido, associando-o à violência no Rio de Janeiro, como um crime aleatório, sem pretensões políticas, apenas "mais uma vítima" do crime:

Usuário Rocinha em 14 de março - "Infelizmente foi mais uma vida perdida pra violência desenfreada de uma cidade sem lei, não devemos rir ou falar abobrinhas com relação ao posicionamento político dela, não é hora para isso. Meus sentimentos."

---

<sup>1</sup> Todos os nomes foram alterados para fins de publicação.

Ingrid Rocha de Sousa  
Kíria Samanta da Silva

Usuário Vidigal em 14 de março - "Sinto grande pesar, mas na hora que principalmente os políticos, passarem a apoiar o cidadão de bem ao invés de bandidos, teremos um país mais justo e menos mimimi de vítimas da sociedade."

Outros tentaram minimizar a morte de uma pessoa pública, questionando sobre a falta ou escassez de menções a respeito de outras vítimas de crimes:

Usuário Cidade de Deus em 14 de março - "Fico muito triste com a morte da vereadora, mas gente assassinaram também uma mulher a dois dias no Rio e não está sendo divulgada pela mídia, Dra. Gisele Palhares Correa, médica da comunidade do rio, e no entanto ninguém está comentando, porque? São valores diferentes ou se não está no meio político não vale a pena divulgar? Fica a dica"

Houve comentários da mesma sessão, que tentaram culpar o próprio posicionamento político do Partido ao qual Marielle fazia parte:

Usuário Cantagalo em 14 de março - "Sem nada de compaixão. Quem defende bandidos, rouba toda a condição do estado suprir a população de serviços mínimos, proíbe dos pais de educar os filhos inclusive com trabalho. Essa morreu podendo fazer algo pela sociedade, e os pais que morreram pagando impostos e trabalhando?"

Usuário Morro do Dendê em 14 de março - "Ela é daquele partido que diz que esse tipo de gente que matou ela é apenas vítima da sociedade, que é a favor da liberação das drogas, que é contra a polícia e o seu candidato a prefeito dizia em campanha que para a segurança pública do Rio não precisava de mais policiais e sim de mais iluminação. Será que estava muito escuro na hora do assassinato?"

Usuário Vila Cruzeiro em 14 de março - "Foi apenas uma vítima da sociedade q estava exercendo sua profissão defendida pelos direitos humanos e pelo próprio Psol, agora quando for descoberto quem efetuou os disparos eles vão fazer de tudo para ressocializar o vagabundo, parece que o jogo virou não é mesmo".

Outras teorias se formaram, identificando o homicídio como execução e questionando os motivos e executores do crime:

Usuário Maré em 14 de março - "Sim foi uma execução!!! A pergunta que tem que ser feita não é se foi ou não execução a pergunta é: Porque ela foi

## Memória e Disputa em torno de legado de Marielle Franco: a(s) placa(a) como lugar de memória

executada??? O que ela estava fazendo que fez com que alguém mandasse executa-la???? Estas perguntas é que devem ser respondidas e com isto vem as prisões, agora será que a POLICIA do RJ está inocente para responder isto sem problema?????"

A idoneidade moral e a vida pessoal de Marielle também foram questionadas. Grupos e políticos alinhados à direita do espectro político, como o Movimento Brasil Livre (MBL), propagaram em suas redes sociais falsas notícias a respeito de seus relacionamentos, alegando que ela "se envolvia com bandidos e é 'cadáver comum'". Ainda no campo político, o deputado pelo Partido DEM, Alberto Fraga, publicou em seu *Twitter* pessoal: Conheçam o novo mito da esquerda, Marielle Franco. Engravidou aos 16 anos, ex-esposa do Marcinho VP, usuária de maconha, defensora da facção rival e eleita pelo Comando Vermelho, exonerou recentemente 6 funcionários, mas quem a matou foi a PM." (Mendonça; Marreiro, 2018, *on-line*). A repercussão foi polêmica e o parlamentar excluiu sua postagem e suas redes sociais em seguida.

Informações essas que foram simultaneamente desmentidas pelo sítio *Aos Fatos*, que averiguou que Marielle nunca havia sido casada com nenhum ex-traficante, que a idade de sua filha não batia com a alegada idade na qual a vereadora teria engravidado e que a eleição dela não teria tido conexão com o Comando Vermelho na Maré (Nalon; Cunha, 2018, *on-line*), visto que "a vereadora foi eleita com 46.500 votos, dentre os quais apenas 1.600 foram eleitores da Maré e arredores" (Mendonça; Marreiro, 2018, *on-line*).

A memória do caso da vereadora é atravessada de "dimensões múltiplas" (NORA, 1984, p. 132) perpassando pelas dimensões políticas, etnográficas, psicológicas e historiográficas, adentrando pelas dimensões sociais de gênero e raça. Portanto, é um lugar simultaneamente material simbólico, pois tem significado para

determinado grupo e funcional quando é utilizado na função de deixar remanescente a figura da vereadora, assim como a resistência desse grupo em relação ao outro.

Na tentativa de guardar uma memória que se desassociasse das notícias falsas envolvendo o nome de Marielle, homenagens foram executadas, como a confecção de placas com o nome de Marielle Franco; assim como na venda de tais placas e a utilização das mesmas por grupos engajados a colocá-las em lugares públicos com grande circulação de pessoas.

A luta se dá, então, entre atores que exigem o reconhecimento e a legitimidade de sua palavra e de suas demandas. [...] Nesses momentos, memória, verdade e justiça parecem confundirem-se e fundirem-se, porque o sentido do passado pelo qual se está lutando, é, na verdade, parte da demanda de justiça no presente. (JELÍN, 2002, p. 43)

A primeira placa foi colocada na parede de esquina da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, espaço político onde exercia seu cargo quando foi morta. Para uma maior visibilidade, pessoas públicas também hastearam a placa em eventos com grande audiência, que foi o caso do ator Wagner Moura ao levar a placa para o Festival de Berlim, evento para premiação de filmes, onde o autor estreou "Mariguella" (Wagner, 2019, *on-line*).

Assim como há os que tentam fazer das placas um lugar de memória, há também os que não querem que isso aconteça: "há também forças sociais que se preocupam em apagar e transformar, como se, ao mudar a forma e a função de um lugar, se apagará também a memória." (JELIN, 2002, p.54) Dessa forma, a direita se utilizou desse objeto para tentar apagar a memória e, em um comício, os candidatos a deputados Rodrigo Amorim e Daniel Silveira, o primeiro deles vestido com uma camiseta que estampava o rosto do então presidente Jair Bolsonaro, quebraram

## Memória e Disputa em torno de legado de Marielle Franco: a(s) placa(a) como lugar de memória

uma dessas placas. Ao lado dos candidatos, constava ninguém menos que o então candidato a governador do Rio, Wilson Witzel, o qual viria a pedir desculpas à família de Marielle pela cena (Nogueira, 2018, *on-line*).

A reação fez o efeito esperado em seu nicho de eleitores e, após ter vencido as eleições como o deputado mais votado no Rio de Janeiro, Rodrigo Amorim emoldurou a placa destruída e a pendurou em seu escritório. É nessa disputa que ficam perceptíveis os empreendimentos de memória conceituados por Elizabeth Jelin, que explica o esforço e mobilização de certos grupos para determinadas causas.

No campo que ocupamos, o das memórias de um passado político recente em um cenário conflitivo, há uma luta entre ‘empreendedores da memória’, que buscam o reconhecimento social e de legitimidade política de uma (sua) versão ou narrativa do passado. E que também se ocupam e se preocupam em manter visível e ativa a atenção social e política sobre seu empreendimento.” (JELÍN, 2002, p. 48)

Em contrapartida, foi lançada a campanha de recolocação “Mil placas para Marielle” da placa, convocada pelo site humorístico *Sensacionalista* que arrecadou, através de doações, R\$ 26.627 em menos de 24h para a produção de 1000 novas placas que foram distribuídas no local. Após esse fato, outras placas foram produzidas e colocadas em vários espaços ao redor do mundo, além de nomear ruas, praças e logradouros. Podemos inferir que houve investimentos para manter tal objeto como um lugar de memória. Ainda nesse ponto podemos citar Elizabeth Jelin, quando ela aponta que esses empreendimentos influem sobre a *história oficial*<sup>2</sup>.

Podem tentar influenciar e mudar o sentido e o conteúdo da *história oficial* ou dominante sobre um período com o fim de eliminar distorções históricas ou fazer públicos e legítimos os relatos que estavam nas *catacumbas*, ocultos, censurados e silenciados. (...) Podem elaborar rituais, participar de

---

<sup>2</sup> A história oficial se qualifica como a “elaboração histórica que convém aos grupos dominantes na sociedade e que se encontra consagrada.” (Prestes, 2010, p. 92)

comemorações, requerer marcar simbólicas de reconhecimento em memoriais, monumentos ou museus. (JELIN, p. 50, 2002)

As redes sociais foram o território dessas narrativas, principalmente de grupos alinhados à direita política, que, por meio delas, colocaram suas opiniões sobre o caso, assim como atacaram os grupos de esquerda que protestavam pela morte e pela quebra da homenagem. Nesse sentido, compreende-se como a disputa em torno da memória coletiva é algo presente nos atos de propositura ou negação de homenagens, como nos casos de nomeação e renomeação dos espaços públicos das cidades contemporâneas e da colocação ou retirada das placas nesses lugares.

A placa descreve quem foi Marielle, sua trajetória política, o ano de nascimento e de morte, que é bem explicitado, com dia e mês por extenso, conferindo certo emblematismo à data. Também destaca as pautas com as quais se envolvia em vida. Atenção para o CEP constante ao sopé, na faixa branca característica, indicando, também de forma emblemática, o n. “20260-080” e o bairro “Estácio”, exatamente o local em que fora assassinada junto de seu motorista. O portal “Rua Marielle Franco” conta ainda, além da disponibilização da imagem em arquivo, com informações das mais diversas com vistas à impressão em gráfica e ao registro da placa em mapa exibido no próprio sítio, o qual dá conta de já diversas placas fixadas por todo o mundo.

Portanto, apesar dos esforços para apagar a memória da vida e morte de Marielle Franco, o que ocorreu foi o efeito contrário. As demandas por justiça e menções a seu nome em manifestações de rua e em redes sociais permanecem. Em outros países seu nome foi homenageado, como Paris, que nomeou um jardim com seu nome. Esse espaço se encontra junto a estação de trem Gare de l’Est, uma das maiores estações da cidade. (Jardim, 2019).

## Memória e Disputa em torno de legado de Marielle Franco: a(s) placa(a) como lugar de memória

Outras homenagens foram estabelecidas ao decorrer dos anos. Segundo o site *Wiki Favelas*, que mapeou e mapeia em todo mundo manifestações que homenageiam Marielle, desde grafites, lambe-lambe, placas de ruas e espaços públicos, a mural, e até mesmo tatuagens, venda de roupas e produtos. O mapeamento é frequentemente atualizado para acrescentar novas ações. (Ferreira, 2019) Além disso, publicação de História em quadrinhos – *HQs* narrando a trajetória e luta da vereadora.

### Conclusões

O crime que vitimou a Marielle e seu motorista Anderson Gomes, deixando como sobrevivente apenas sua assessora Fernanda, permanece como capítulo inacabado - e do qual não se sabe o desfecho ainda - na história política recente. Afastada qualquer tentativa de se desenviesar politicamente o homicídio, a memória da vereadora foi e ainda é bastante disputada, despontando nesse embate grupos mesmo antagônicos: enquanto uns buscam deslegitimar sua trajetória e desbotar o crime que a vitimara, outros procuram, incessantemente, reafirmá-la como mulher, negra, militante e vítima da violência.

Nesse cenário, a placa - ou as placas - erigida em sua homenagem, trazendo grafado o que Marielle representou em vida e representa, mesmo após sua morte, despontou em diversos lugares como símbolo dessa memória. Com efeito, como reação a essa fixação da placa inicialmente na Praça da Cinelândia, as disputas em torno da memória sobre quem era Marielle Franco se intensificaram. Apesar de não ter sido reconhecida pela Prefeitura do Rio de Janeiro, a placa tornou-se uma forma de lembrar que a vereadora não foi apenas morta, mas executada. Porém, devido ao momento polarizado, onde os embates entre as ditas esquerda e direita se intensificaram, a placa se torna um lugar de memória conflituoso, onde esses dois

grupos vão buscar se sobressair sobre o outro para que a história de Marielle seja lembrada da forma que esses grupos querem. Contudo, cabe ressaltar que aqueles que se posicionam à direita do espectro político buscam fazer com que sua versão se torne homogênea através da disseminação de notícias falsas (como a informação na rede social Facebook que dizia que Marielle era esposa do traficante Marcinho VP e por isso foi morta) que rapidamente se espalharam através dos compartilhamentos e *likes*.

Mais de 18.000 placas que foram impressas e fixadas ao redor do mundo se tornam um lugar de resistência e memória. Dessa maneira, além de ser um meio de se lembrar a trajetória política de Marielle Franco, a placa também serve como uma forma de lembrar que o seu assassinato de fato ocorreu e que continua não resolvido.

### Referências Bibliográficas

As mais novas dúvidas em torno da investigação do assassinato de Marielle, **BBC News**, Brasil, em 22 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50517116>. Acesso em: 23 nov. 2019.

Candidatos a vereador no Rio de Janeiro - RJ, Eleições 2016, **Gazeta do Povo**, Especiais, 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/apuracao/resultados-eleicoes-2016-primeiro-turno/rio-de-janeiro-rj/vereador/>. Acesso em: 24 nov. 2019.

Candidatos do PSL destroem placa com homenagem a Marielle Franco, **Isto É**, 04 out. 2018. Disponível em:

## Memória e Disputa em torno de legado de Marielle Franco: a(s) placa(a) como lugar de memória

<https://istoe.com.br/candidatos-do-psl-destroem-placa-com-homenagem-a-marielle-franco/>. Acesso em: 24 nov. 2019.

CARIELLO, Gabriel. ROMEO, Madalena. Marielle Franco: Negra, moradora da Maré e a quinta vereadora mais votada do Rio, **O Globo** [on-line], em 16 mar. 2018. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/rio/marielle-franco-negra-moradora-da-mare-a-quinta-vereadora-mais-votada-do-rio-22491120>. Acesso em: 25 nov. 2019.

FERREIRA, Hércules da Silva X.; Mapeamento das homenagens a Marielle Franco. **WikiFavelas**, 11 set. 2023. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Mapeamento\\_das\\_homenagens\\_a\\_Marielle\\_Franco](https://wikifavelas.com.br/index.php/Mapeamento_das_homenagens_a_Marielle_Franco). Acesso em: 25 fev. 2024

GONÇALVES, João Ricardo; LEITÃO, Leslie; ARAÚJO, Marina; TEIXEIRA, Patrícia. Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio, **G1 Rio**, 14 mar. 2018. Disponível em: [https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=g1&fbclid=IwAR0oVm-oOLkvretKSx2WXF\\_1OkTLHQYF2tiGT8suYxb2UoK2ARx0l5S4seg](https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1&fbclid=IwAR0oVm-oOLkvretKSx2WXF_1OkTLHQYF2tiGT8suYxb2UoK2ARx0l5S4seg). Acesso em: 21 nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estatísticas de gênero. Indicadores sociais da mulher no Brasil, Estudos e Pesquisas, **Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 38, em 8 jun. 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf). Acesso em: 19 nov. 2019.

Jardim em homenagem a Marielle Franco é inaugurado em Paris, **G1**, 21 set. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/mundo/noticia/2019/09/21/jardim-em-homenagem-a-marielle-franco-e-inaugurado-em-paris.ghtml>

JELIN, Elizabeth. **Los Trabajos de la Memoria**. Madrid: Siglo XXI de España Editores. S.a., 2002.

Marielle e seu motorista foram baleados dentro do carro, **G1** - O Portal de Notícias da Globo, Facebook [postagem], 14 mar. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/2062043853847689>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MARIELLE Franco. **Portal** / Memorial oficial na internet. Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

MENDONÇA, Heloísa; MARREIRO, Flávia. MBL e deputado propagam mentiras contra Marielle Franco em campanha difamatória, **El País**, em 19 mar. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/17/politica/1521318452\\_688519.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/17/politica/1521318452_688519.html). Acesso em: 19 nov. 2019.

Morte de Marielle Franco mobiliza mais de 567 mil menções no Twitter, aponta levantamento da FGV DAPP, Diretoria de Análise de Políticas Públicas, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: mar, 2018. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-567-mil-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

NALON, Tai; CUNHA, Ana Rita. Não, Marielle não foi casada com Marcinho VP, não engravidou aos 16 e não foi eleita pelo comando Vermelho, **Aos fatos** [portal de notícias on-line], em 17 mar. 2018. Disponível em: <https://aosfatos.org/noticias/nao-marielle-nao-foi-casada-com-marcinho-vp-nao-engravidou-ao-16-e-nao-foi-eleita-pelo-comando-vermelho/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: As mais novas dúvidas em torno da investigação do assassinato de Marielle, BBC News, Brasil, em 22 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50517116>. Acesso em: 23 nov. 2019. Acesso em: 23 fev. 2024.

OLIVEIRA, Davi. Após ataques, campanha por placas de Marielle já arrecada R\$ 28 mil, **Agência Brasil**, Política, em 4 out. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/apos-ataques-campanha-por-placas-de-marielle-ja-arrecada-r-28-mil>. Acesso em: 23 nov. 2019.

## Memória e Disputa em torno de legado de Marielle Franco: a(s) placa(a) como lugar de memória

PRESTES, A. L. O historiador perante a história oficial. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 91–96, 2010. DOI: 10.9771/gmed.v2i1.9607. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9607>. Acesso em: 24 fev. 2024.

RUA Marielle Franco [portal na internet]. Disponível em: <https://www.ruamariellefranco.com.br/>. Acesso em: 24 nov. 2019.

Wagner Moura lança 'Marighella' no festival de Berlim e posa com placa de Marielle Franco, **G1**, em 15 fev. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/02/15/wagner-moura-lanca-marighella-no-festival-de-berlim-e-posa-com-placa-de-marielle-franco.ghtml>. Acesso em: 23 nov. 2019.